

A administração posta em xeque

MARIA DO ROSARIO
CAETANO
Editoria de Cultura

No próximo dia 15, comemora-se o primeiro ano da administração Marlos Nobre à frente da Fundação Cultural do DF. No momento em que se discute a renovação de cargos na área cultural, o ApArte faz uma avaliação dos 11 meses e meio de

maestro e conclui que ele hoje goza de incômoda unanimidade: músicos populares e eruditos, produtores, atores, cineastas e cineclubistas, animadores culturais de cidades-satélites e até os outrora silenciosos livreiros estão insatisfeitos com sua administração, definida como "personalista e centralizadora".

○ maestro Marlos Nobre, ao ser convidado, em 15 de outubro do ano passado, pelo então governador José Aparecido, para substituir o poeta Reynaldo Jardim na função de diretor-executivo da Fundação Cultural, causou enorme surpresa. Como o assunto preferido do governador, que sempre se portou como ministro da Cultura do Distrito Federal, era o tombamento de Brasília como Patrimônio Cultural da Humanidade, a vinda de Nobre foi vista como "agradecimento" por sua contribuição na conquista do título dentro da Unesco. Afinal, Nobre dirige o Conselho de Música deste organismo internacional.

Como final de ano é um período em que a vida cultural da cidade praticamente se apaga, o maestro e seu braço direito (a pianista Maria Luísa Nobre) usaram novembro e dezembro para promover reformulações e arrumação na casa. Instituíram crachá a todos que queriam entrar na pirâmide niemárica (a Fundação funciona nos anexos do Teatro Nacional), neutralizaram as assessorias e prometeram amplo diálogo com a comunidade.

O diálogo se deu na última semana de janeiro deste ano (de

25 a 29), quando cineastas, cineclubistas, artistas plásticos, músicos eruditos e populares, atores, escritores e animadores culturais de cidades-satélites disseram tudo que tinham vontade. O maestro anotou tudo, viu nos noites preparando documentos-síntese e prometeu ser o porta-voz das reivindicações comunitárias junto ao governo do Distrito Federal.

GUERRA DAS BATUTAS

Havia esperanças no ar. E enquanto produtores e artistas aguardavam, o maestro declarou guerra a Cláudio Santoro. Em documento interno teceu sérias críticas à Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional, atingindo, em cheio, Santoro, seu regente-titular. O episódio foi batizado pela imprensa como "Guerra das Batutas". Amigos de Santoro tentaram sensibilizar o governador Aparecido para os problemas que Nobre estava causando ao regente da OSTN. A resposta de Aparecido a estes mensageiros foi curta: "Quanto mais maestros na cidade, melhor".

FESTIVAL

Como nenhuma das promessas feitas aos artistas e produtores culturais durante o Fala Brasília se concretizou, a credi-



bilidade do maestro começou a ser posta em xeque. Ao ver que perdia terreno, Nobre jogou to na promoção de uma grande edição do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Com apoio do ParkShopping — e sugestões da comunidade cinematográfica — montou magnífico projeto para a vigésima-primeira edição do evento. Encontrou resistência no meio cinéfilo, insatisfeito com a mudança do Festival do Cine Brasília para o Circuito de Cinemas Park. Apoiado pelo Conselho Comunitário Consultivo (desfalçado da presença de Vladimir Carvalho, que pediu seu afastamento) Nobre continuou investindo tudo no Festival. Passou a dar coletivas à imprensa para anunciar a mais insignificante das novidades. Até lista de filmes inscritos foi tema e coletiva.

Só que, ao longo do processo, o Conselho Comunitário ultivo começou a se decepcionar com o maestro, em especial com a comissão organizadora da vigésima-primeira edição do Festival. Ele se autoneomeou coordenador-geral do evento e colocou Maria Luísa Nobre, sua esposa, como coordenadora-adjunta. Não aceitou, por mais que o Conselho solicitasse, a in-

dicação de um nome ligado à história e tradição do Festival. Hoje, todos os membros do Conselho Consultivo estão demissionários. E o que é pior: o projeto do Festival (que no papel é magnífico) está ruindo. Os grandes produtores (Ruy Guerra, Luis Carlos Barreto, Cláudio Khans e Cacá Diegues) fugiram do evento. Filmes novos e inéditos como Fogo e Paixão, de Kogan e Weinfeld; A Bela Palomera, de Guerra, e Lua Chela, de Fresnot, preferiram a Mostra Internacional de São Paulo. Já que o festival está se chocando com este evento.

No nível interno, o Festival atropelou, com sua mudança de data (ele deveria acontecer nesta primeira semana de outubro, mas foi transferido para a última) a VII Feira do Livro de Brasília. Até os livreiros, uma categoria que nunca dependeu muito da política cultural da FCDF, resolveram colocar a boca no trombone. "Se a Fundação não ajuda, que pelo menos não atrapalhe", protestaram. A ajuda solicitada pela Câmara do Livro do Brasil Central, organismo que patrocina a Feira, era simples: que a vigésima-segunda edição do Encontro Nacional de Escritores coincidissem com a sétima feira. Só

que, ocupado unicamente com o Festival, o maestro deixou o ENE para as calendas gregas. Não há data prevista para o evento.

ISOLAMENTO

Com a mudança do nome do titular do Buriti, o movimento cultural da cidade se encheu, de novo, de esperanças. Reuniu 59 representantes na Escola Dulcina e preparou duas listas de nomes para ocupar a Secretaria de Cultura e a FCDF. A Marlos Nobre, o movimento só dirigiu críticas e votos para que seja afastado, o mais rápido possível, do cargo. A reunião, que aglutinou cineclubistas, produtores, músicos, atores, livreiros, artistas plásticos e animadores culturais de cidades-satélites, deixou claro que Nobre é hoje unanimidade. Ou seja, ninguém acredita em sua administração.

Para agravar o quadro, surgiu a informação de que Joaquim Roriz recebeu recomendação do Palácio do Planalto no sentido de que prestigie Marlos Nobre, amigo pessoal da família Sarney. Para aumentar sua força, comenta-se que ele tem em Virgílio Costa, assessor cultural do Planalto, aliado para todas as horas. Juntos, eles pretendem levar adiante o polêmico projeto de construção, na Esplanada dos Ministérios, do Centro Cultural Federal, obra de Oscar Niemeyer que aglutinará, num complexo de edificações, a sede do Ministério da Cultura, a Biblioteca Nacional, galerias de arte, uma cinematheca, etc.

Com pautas sendo canceladas por produtores do eixo Rio-São Paulo e reclamação dos produtores locais, a FCDF passa por uma de suas maiores crises.